

LATITUDESUPLEMENTO CULTURAL
Nº 10 — MAIO / 97 — ANO 2

Coordenação: João de Mancelos

EDITORIAL**A LONGITUDE DE LATITUDE**

■ João de Mancelos

"A aproximação é sempre mais bela do
que a chegada"*Alain-Fournier*

Este suplemento é o último que o semanário *O Aveiro* edita sob minha coordenação. Razões de ordem profissional, por um lado, convites para colaborar na imprensa nacional e estrangeira, por outro, bem como as crescentes solicitações do meu percurso literário, foram lentamente sedimentando as bases deste voto.

A hora de encerramento não pode deixar de coincidir com um momento de balanço. Chegou-se a um cais, talvez não a um destino. Ao longo de três anos, foram lançados dez suplementos, ora esporádicos, ora pontuais, de acordo com as minhas disponibilidades e afazeres, circunstanciados pelas finanças do seu jornal-anfitrião, *O Aveiro*, e inevitavelmente sustentados pelos escritos dos colaboradores. Acima de tudo, *Latitude* foi um "forum" aberto à crónica, ao ensaio e à entrevista, à escrita ficcional (conto e poesia), à crítica literária, musical e pictórica. Sem polémicas estérteis, sem ser catapultada para ofensas ou ataques pessoais, e não tendo outro objectivo que não a divulgação de trabalhos de escritores e artistas da zona centro, *Latitude* pautou-se sempre pela ética jornalística. Gémea desta preocupação constante foi o estabelecer de um índice de qualidade: por várias vezes foi-me necessário declinar textos — alguns deles até obra de pessoas pertencentes ao meu circulo

de amizades. Fi-lo com perfeita consciência e tendo sempre e apenas em mente o nível e os objectivos de *Latitude*.

A série de suplementos não resultou da espontaneidade, mas antes de um parto acompanhado. A gratidão deve ser

de letras, como o Quim Jorge, o Leon Machado, a Suzana Ruivo, o António Breda e o Américo dos Santos; aos vivos e àqueles que já enriqueceram as nossas letras (Oliveira Guerra pontificando); aos pintores, como o Artur Fino e o Jeremias Bandarra, aos fotógrafos (um abraço para o Pedro Tavares), aos músicos como Ana Madalena Ruivinho. A todos os colaboradores, — e foram quase três dezenas — o meu grato reconhecimento. Foram eles que deram a resposta lúcida àqueles que, ainda antes da tinta do primeiro número secar, já pressagiavam capelinhas ou catredrais, intervenções e intromissões (que nunca existiram!) por parte da direcção do jornal, interesses políticos ou de cultura, e o habitual enchorrillho de pecados que os velhos de todos os Restelos sempre aguardam.

O décimo número deste suplemento sai com a mesma dignidade e limpeza dos anteriores.

Outras mãos podem talvez conduzir neste ou noutro rumo as próximas incursões do *Latitude*. A decisão só cabe, naturalmente, ao director de *O Aveiro*, que sabe diferenciar entre navegadores eficazes e piratas de oportunidade.

Outras ondas virão e por certo uma próxima maré de vontades haverá de trazer a estas ou outras páginas os escritos vossos e nossos. Até lá, recebam um abraço da mais abrangente latitude, J.M.



repartida pelo Director de *O Aveiro*, Junqueiro Fidalgo, pelos técnicos de composição Hélder Monteiro e Elisa Oliveira, pelos colaboradores literários e artísticos desta travessia. Obrigado aos novos, como o Virgílio Nogueira ou o Filipe Miguel, e aos consagrados, como Salvato Trigo ou Jorge Listopad; aos pontuais, como Joaquim Jorge Carvalho ou Ana Paula Cabrita, e aos mais esporádicos; aos vários colegas de ensino universitário e aos companheiros

CRÔNICA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

■ Antônio Breda Carvalho

Com ou sem conhecimento teórico, por obrigação ou por espontânea vontade, é preciso ler. No entanto, a preocupação mais premente, hoje, é a diminuição do índice de leitura. A leitura faz parte da vida. Mas qual é a importância que as pessoas atribuem à leitura?

Uns entendem que a leitura é inútil, que é uma pura perda de tempo; outros entendem que ler é um acto de ociosidade, próprio de quem não tem responsabilidades na vida. E ainda há os que não gastam dinheiro nem tempo com livros, porque o que é importante é a satisfação das necessidades primárias. Este último comportamento é próprio do animal irracional; por instinto, procura apenas o alimento do corpo. O homem, que se distingue do animal pela inteligência, sente necessidade de procurar nos livros o seu alimento espiritual. Já dizia Voltaire que "as letras alimentam a alma e consolam-na". Portanto, há que criar hábitos de leitura para que algo mude na nossa sociedade. Sobre esta problemática, considera Pedro de Moura e Sá que "o homem contemporâneo sofre de falta de leitura e que o mundo seria muito mais feliz se na vida de cada um se encontrassem, todos os dias, algumas horas dedicadas à leitura de livros".

A leitura, ao nível pessoal, torna-se fonte de prazer estético e de convívio. Com a leitura cria-se um diálogo imaginário com as personagens. Com elas e com o seu mundo aprendemos a redescobrir o nosso mundo e a darmos consciência da nossa realidade

de ontológica. Dizia Petrarca que "os livros encantam-nos até à medula, dão-nos conselhos e ficam unidos a nós por uma espécie de familiaridade de vida e harmoniosa".

A literatura é uma forma de conhecimento da natureza humana. Um jornal ou uma revista informativa dão-nos a conhecer a realidade objectiva. Uma notícia descreve o lado

histórico. São acertadas as palavras de Pedro de Moura e Sá: "O livro inclui uma experiência que se junta à nossa, alargando os horizontes da nossa própria existência". Deste modo, generalizando um pouco a ideia, podemos dizer que a literatura dá lições de vida.

O livro é também fonte de cultura.

D. Duarte, o Eloquentes, afirmou: "Saibam que o ler dos bons livros faz acrescentar o saber". E o Padre António Vieira acrescentou: "Quem não lê não quer saber; quem não quer saber, quer errar". Errar no sentido de se andar à deriva, sem conhecimento de si e do mundo. E se uma pessoa anda perdida culturalmente não pode desempenhar um papel interven-tivo na sociedade. O mestre Aquilino Ribeiro achava que "um espírito bem formado é um insatisfeito devorador de livros. Não apenas livros antigos, cheios de prestígio e exemplo, mas livros novos, correspondentes à nossa sede do século XX, aos nossos anseios, habilitando cada qual a tomar parte na solução dos problemas que afligem a Humanidade".

Nesta altura da minha exposição gostaria de parafrasear Aristóteles e dizer, à guisa de conclusão, que "o livro é um animal vivo". Na minha opinião, é um animal que, entrando em nós, principalmente na infância e na adolescência, até contribui para o desenvolvimento da personalidade e da inteligência. Por conseguinte, é pela leitura, pelo saber e pela inteligência que o homem se afirma na sociedade e se distingue dos restantes animais.



factual de um acidente ou de uma guerra. Mas uma boa peça literária vai mais longe: ela consegue revelar a alma que o rosto dos factos encobre. O exterminio dos judeus e a guerra colonial portuguesa são factos ineludáveis. Porém, os livros "Diário" de Anne Frank e "Autopsia de um mar de ruínas", de João de Melo, por exemplo, fazem-nos sentir o drama humano de um determinado tempo

ENSAIO

NÓS, ALÇADA-BAPTISTA E OS LAÇOS — UMA RETÓRICA PORTUGUESA DO AMOR MODERNO

■ Joaquim Jorge Carvalho

*"Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiência
Mas antes tendo livre a fantasia
Por muito mais culpado o julgaria."*

(Luís de Camões, *Os Lusíadas*)

A história

("... engano da alma, ledoo e cego...")

O livro *Os nós e os laços*, de Alçada-Baptista, não é já uma novidade literária, no sentido de aparecimento recente ou efeito revolucionário tido (ou a ter) sobre as letras portuguesas. A verdade é que revisitei este livro há pouco tempo, interiormente convidado por uma nota profunda que herdei do romance — a ideia da mortalidade do amor, no contexto moderno e próximo da prosa, da poesia e do real que hoje habitamos (amantes e leitores actuais). Portanto, o presente texto não passa de um mero alinhavar de considerações sobre um dos múltiplos aspectos que saltitam no referido romance — o profundo envolvimento, a vários níveis, de Pedro (marido, pai, profissional bem sucedido e competente) com uma amante digna de um adjetivo qualquer que dissesse silêncio, sorriso e valer a pena a vida, Inês.

Recordo: em termos muito óbvios, imediatos, fáceis, trata-se de um vulgar "caso" de adultério tranquilo, elaborado — e da busca, quase legitimada pela repetição das histórias e

das argumentações recorrentes, de um homem casado, de um universozinho de fantasia e de ternura que o quotidiano cinzento e obrigatório nega, com aquela violência da anestesia teimosa das coisas comuns e regulares. Pedro é um marido correcto, tratável, civilizado, mas

é capaz de ser uma das mais belas narrativas escritas nestes finais do século XX sobre o amor ocidental: quando as leis e os valores parecem encaminhar-se para a possibilidade de tudo, eis que surge na complicada máquina da existência humana o abismo irredutível do nada. O amor

é uma **possibilidade**, na substância e na forma; reveste-se pois dessa carne transitória e bela de **aspiração absoluta** da felicidade e da realização — mas também de uma **consciência crescente** do seu estado efémero e ameaçado.

É quase imediata a reacção culta, logo à primeira leitura, ao símbolo escondido com ecos à volta da coincidência dos nomes dos amantes — Pedro é Inês — en-

quanto elementos de aviso para a desgraça provável dos amores e das vidas. Camões, António Ferreira, António Patrício — entre tantos outros autores — dedicaram poesia e prosa sublimes ao episódio da História Política de Portugal (e da História do Amor Universal) de D. Pedro e D. Inês de Castro. No entanto, sublinhe-se, esse era um episódio de amor proibido e impossível por "ta-

lento



zões de estado". Na obra de Alçada-Baptista, as motivações e condicionais comportamentais são naturalmente diferentes, até porque contextos sócio-políticos e culturais são também diversos. Então — perguntar-se-á — qual a razão desta **coincidência**, certamente percebida, assumida, naturalmente escolhida pelo autor, dos nomes das personagens?

O amor e o medo da morte do amor (“Nós”)

A obra de Alçada fala sem dúvida do carácter trágico do amor humano, da provisoriidade da existência feliz, dos limites da vida apaixonada — afinal, a leitura inversa de um adágio corrente e ligeiro: **depois da bonança, hélas, a tempestade**. O sonho de Inês, tragédia de António Ferreira, tão ominoso e premonitório, está aqui antes de mais na escolha onomástica, feita pelo autor, para os protagonistas de uma história de amor moderno e urbano: os nomes “dizem” — atenção, leitor!, desconfia de tanta felicidade tranquila, não (te) invistas tanto a alma toda, dá rédeas à euforia e modera esse sorriso feliz; prepara-te, leitor, para a possibilidade de nada ser verdade ou absolutamente possível no reino do amor e das gentes; isto é: Pedro e Inês, *lembras-te?* Alçada-Baptista não se esquecerá sequer de assobiar levemente a Pedro (e ao leitor, por arrastamento ocular) subtis temores e desconfianças, pouco antes da sinfonia triste do fim e do cinzento regressado aos dedos e aos calendários.

Fernando Pessoa, a propósito de Mário de Sá-Carneiro, lembrava o perturbador facto de — tantas vezes! — morrerem cedo aqueles que os deuses amam. Esta mesma ideia de urgência e de exiguidade obrigatória do tempo para a beleza existir pode ler-se em António Patrício, exactamente em *Pedro, O Cru*, que explica a necessidade trágica de, para se ser belo como a espuma, ser

breve como a espuma. As duas boleias intertextuais supra servem, no presente apontamento, como possíveis lembranças cultas da ideia do amor humano enquanto algo de finito, limitado no tempo e no espaço, preso à biografia de uma história fatalmente curta e modesta (Marguerite Duras — como Thoreau — avisava sobre esse terrível “*chemin vers la mort*”). Ou seja: o amor é grande, é belo — e dura pouco. A verdade é que, mesmo que durasse muito, como é **essencialmente** grande e belo, pareceria sempre que dura pouco. Se quisermos espreguiçar um pouco as nossas experiências literárias e humanas, há até uma atmosfera latente de ruptura (ou de medo de ruptura) no universo elevado e profundo de momentos de felicidade. Estar feliz é pois também oportunidade para o receio terrível e corrosivo de que se acabe, um dia, a situação de estar feliz. A chegada/conquista do amor torna naturalmente eufórico o sujeito do amor, embriaga-o — mas comporta o estigma anunciado e irreversível de uma “ressaca” posterior, com data a conhecer-se (a sofrer-se) oportunamente.

Vida com figuras (“Os Laços” ou, como Garrett, “nessa hora a viver comecci”)

Para Pedro, já disse, o amor dá sentido e alegria ao acto de existir. Lembro-me por momentos (estranhamente a propósito), da experiência infantil da leitura (iniciática) de histórias de príncipes e princesas, castelos e fadas, coches e palácios, aí por alturas dos seis anos e mais, quando era uso (no mundo particular das nossas idades e dos nossos gostos) aferir-se da qualidade ou promessa de qualidade de um livro pela existência ou não de “imagens”, desenhos, ícones diversos acompanhando o texto. Dizíamos — “Não presta, não tem figuras”. “Ter figuras” era, já por si, um convite a entrar no livro, na história; era “valer a pena” a acção da leitura; era substituir a ideia

de esforço pela ideia de prazer de ler.

O amor, no dia-a-diazinho do género humano, pode ser esta circunstância sublime de uma vida “com figuras”, com a alegria e o sentido de que a personagem de Pedro fala.

Em determinada altura, Inês percebe que Pedro, por ser tão importante, não pode mais fazer parte — pelo menos tão profundamente — da vida dela. Eis um (aparente) paradoxo com explicação possível e bonita.

Explicação de Adeus (“Leveza, insustentável”)

Vejamos: Pedro é casado com Isabel, pai de filhos, respeitável membro da sociedade, das instituições, dos amigos e vizinhos. A Inês estão reservadas as horas de Pedro — amante, ternurento, bem disposto, poético, sonhador, sujeito de ilusões ou desilusões desabafadas (utilizando a mui útil dicotomia grega de “Kairos” — tempo interior, essencial, que vale a pena — e “Kronos” — tempo físico —, digamos que a Inês dedica Pedro o seu tempo “*kairónico*”). Esta disponibilidade do melhor Pedro para a amada eleva-o naturalmente (e, conforme se verá, tragicamente) à imagem idealizada de companheiro, de parte fundamental e “sine qua non” da vida de Inês.

O tempo físico que Pedro dedica a Inês é, em determinada altura, pela lógica fatal da evolução das horas e dos corações, demasiado curto para a necessidade que Inês tem (isto é, passou a ter) de Pedro.

Solução possível, adivinhada pela escrita na inteligência e sensibilidade de quem vive do lado de cá do livro e da história: desafiar Pedro a escolher entre Inês e Isabel. Mas é o próprio Alçada-Baptista (pela boca da própria personagem-Inês) a impossibilitar tal situação — Inês recom-

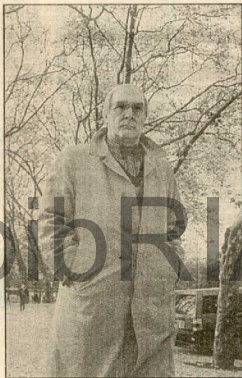
sa-se tal proposta. O (seu) Pedro, homem casado, cheio de responsabilidades, não é — a esse nível, do estado civil e profissional — um sujeito em construção, interessado na mudança ou no prego quem sabe terrorista de tal mudança. Pior ainda: com a mudança, se a houvesse, que restaria (depois) de Pedro? A ideia de Pedro *ser casado*, na perspectiva de Inês, é algo parecido com Pedro “ter pai” ou “ter mãe” ou “ter avós” — “tem-se” e pronto, é algo de certo modo alheio à vontade da pessoa em causa, logo, não imputável e (passe-se eventualmente — mas tente compreender-se!) não discutível. Assim, a solução é apenas uma, a partir de certa altura, quando prolongar a felicidade provisória é algo já doloroso e prejudica mais do que beneficia os olhos e as almas envolvidas: **Fim.**

Amor, finito ("O Scr")

Pedro surpreende-se com a decisão do seu amor. Estava distraído, esquecera-se de que o seu amor feliz e grande e belo — era finito. E que fisicamente os relógios reclamavam o direito ao sadismo que os anima de desmancha-prazeres mitológicos. Emergia a verdade última e terrível de que o amor é tudo o que vale a pena, no mundo — mas também de que o mundo e as gentes não são capazes da história de amor duradoura e inalterável (a condição terrena é escrava do momento).

Seria, contudo, um erro incorrer na tentação conclusiva de que se registra a vitória do tempo físico sobre o tempo “poético”, no contexto dissecado da história de Pedro e de Inês. A saudade, a memória do amor (expressão de Agustina, em registo escrito diferente) é ainda uma manifestação (embora desesperada e lancinante) do amor — e (aleluia!) ultrapassa calendários, datas, mesmo a morte.

Uma outra personagem deste romance, Teresa, explica a Pedro (como consolação amiga) que este possui a essencial capacidade de procurar na terra o paraíso terreno que a terra já terá sido, segundo bíblicos testemunhos que hoje significam mais do que a esfera religiosa. Pedro acredita na



Baptista-Bastos

felicidade, no amor. Por isso, sem ele, sente nos seus dias e nas suas experiências a cinzenta falta de conexão e de cor, de alegria, de sentido. Sentir falta de não é, como é óbvio, motivo e força bastante para alcançar coisas; mas é a subtil e doce forma do coração invisível e azul reclamar o direito a voz e a fome, nas esquinas dos tempos e dos lugares e das musiquinhas trauteadas por um eu qualquer e pessoal. Pedro Barroso escreveu e canta um texto muito simples que diz esta dificuldade e esta maravilha de procurar/achar: “É tão difícil encontrar pessoas/Assim/Bonitas” (sublinho a **energia otimista** de “Assim”). A busca de uma vida “com

figuras” parece, no romance, possível e necessária, apesar de tudo (apesar, especialmente, do triste e até penoso desfecho diegético). O romance inscreve-se neste século XX rigoroso, previsível e desconsolado — e o amor de Pedro e Inês ganha foros de mágica terapêutica ou profilaxia.

Pedro e Inês são naturalmente nomes-símbolo de um sentimento sublime, belo, verdadeiro, imenso — e finito! E claro que há nisto algo de pessimista e de trágico. Mas a tristeza e a tragédia, no sentir das gentes, quer sobretudo significar vida e diversidade no sentir das gentes. A tentativa de felicidade, afinal, implica o risco e o desafio da fortuna, dos códigos, da tranquilidade e do sossego sem ondas. Seria por isso fácil não ser feliz: bastaria não tentar ser feliz. Ou seja: isto de não ser feliz não quer necessariamente dizer ser feliz; pode significar apenas a existência regular quanto-baste, sem nuvens nem variações de temperatura na meteorologia do sangue e das almas.

Obrigatório existir ("Docc fruto")

Pedro e Inês — conclua-se — tentaram ser felizes. Foram-no durante um instante cósmico (belos e grandes e finitos como a espuma...) — depois foi o fim, a tragédia, a morte. A leitura dificilmente resiste a tomar partido (não há, como se sabe, leitura neutra): existir sem este amor-uma-vez, à imagem de Inês e de Pedro e de todos os perigos, não deveria, em boa verdade, chamar-se existir. O texto de Alçada-Baptista consegue esta **subtileza malandra** e **profunda** de nos dizer que a vida sem o amor carece do sentido e da alegria que lhe dão substância — mais sugerindo que, não sendo o amor uma obrigação das gentes, deverá a vida ser para as gentes um dever sagrado.

CONTO

A BOLA MÁGICA

■ Filipe Miguel

Parece-me que a incapacidade total e incontestável para tudo o resto é a única prova, a pedra de toque da vocação para a poesia. Sim, julgo mesmo que a poesia não é nenhuma profissão, mas apenas a expressão e o refúgio desta incapacidade.

Thomas Mann

A mais fabulosa das aventuras, começou do modo mais banal que se pode imaginar. Aliás, é sempre assim, a maior das fantasias começa sempre por haver alguém que repara no detalhe mais insignificante.

Como é costume aos domingos, levo as crianças comigo ao café, é um pouco mostrar-lhes o mundo dos adultos. Durante a semana, faço os possíveis para os afastar desses ambientes e preservar um pouco a privacidade do meu lar, parece antiquado dizer isto na era dos "serial killers" da TV, mas eu ainda acredito na máxima cristã de ler a bíblia em casa, todos os dias.

Enquanto eu tomo o meu café forte, sem cheirinho, os miúdos escolhem o gelado ou a máquina das bolas com brinde dentro, pequenas maravilhas do comércio chinês, que como vocês devem saber, trazem as mais surpreendentes coisas, que fazem as delícias das crianças. Já vi um pouco de tudo, desde cadeados que abrem com combinações de cofre forte até um simples iô-ô...

Dei as moedas aos miúdos e passado um bocadinho recebi o troco, normalmente sobre a forma de gargalhadas divertidas, mas desta vez com uma excepção, a do meu filho mais novo que se virou para mim e disse:

— Pai, esta não presta!

De facto só trazia um papel velho lá dentro. Dei-lhe outra moeda e ele partiu de novo regressando desta vez satisfeito com um brinquedo novo, parecia ser um apito de árbitro, mas não prestel muita atenção, meti o intrigante papel velho na algibeira e regressámos a casa.

Pensei em convidar a minha amiga Paula Sol a seguir na aventura comigo, pois essa minha vizinha é do género aventureiro, nunca a encontrei sem uma mochila às costas, que a

minha esposa é demasiado comodista para largar a casa e as crianças e vir comigo seria dar razão àquilo que ela intitulava "as minhas loucuras temporárias", embora eu passasse a vida a explicar-lhe que era bem melhor ser normal com loucuras temporárias, que louco com fases de lucidez temporárias, períodos de remissão que dificultam as relações humanas, jogo de xadrez viciado pela insuficiência de peças representativas da sociedade no tabuleiro.

Fui de carro para o meu suposto local de partida, bicicleta no tejadilho, era uma aposta forte, escolhi o local mais distante e logo mais dispendioso em termos económicos. O rio era a água como símbolo da fonte, da origem, do movimento, do elemento iniciático, além disso se tudo desse em nada, pelo menos ficaria a conhecer um local onde fazer uma boa pescaria de fim de semana. No mapa nada assinalava qual era o ponto de partida e o de chegada.

Vocês poderiam perguntar, porque não ir a um local e outro e resolver assim o problema que o mapa colocava, mas isso seria tirar valor ao caminho, por alguma razão o itinerário estava ali e quem me dizia que um desses locais não fosse fictício. Não estão os filmes de aventuras repletos de falsas pistas, de "booby-traps". Aquela bola mágica podia conter em vez de uma surpresa, duas surpresas.

Pelo caminho vinha recordando as histórias de salvamentos de naufragos e tesouros de piratas escondidos, tudo graças à garrafinha que aparecia na praia levada pela maré, que depois de atravessar o oceano, provavelmente vinda de alguma ilha deserta, ia terminar nas mãos do eleito, que lhe tirava a rolha e descobria o pergaminho, provavelmente uma criança, sempre mais atenta a este género de acontecimentos, mas



isso eram coisas de outras épocas ou de ouvir contar dos livros.

Em casa com os miúdos entregues aos cuidados da mãe, esposa minha muito dedicada que pensava que eu não levava o melhor jeito para lidar com crianças, por as estragar com mimos. Refestelei-me no sofá analisando o intrigante papel.

Era um mapa, era o diabo de um mapa, mas como teria vindo ali parar, pelas mãos de Deus ou do Diabo, logo se veria.

Afinal o mapa demarcava uma região inóspita, paisagem rara na época dos blocos de apartamentos e parques de estacionamento para o cada vez maior parque automóvel. Os mapas surgiram com a necessidade de enfrentar o inimigo no terreno e levar a melhor derrotando-o, restava saber qual ia ser o meu inimigo naquele terreno, talvez as terras encharcadas e a primeira arma a utilizar seriam umas botas de cano alto. Uma bicicleta para andar mais depressa nos caminhos transitáveis e uma bússola para não perder o Norte constituiriam o resto do meu arsenal. Restava aguardar um dia de sol radioso pois o tempo continuava chuvoso, ia aproveitar aquele tempo de chuva para decifrar ao máximo aquela prova que se me impunha superar e delinear o percurso a percorrer.

Uma vez no suposto local de partida, sentei-me numa pedra enorme que servia para demarcar estremas e tive aquele gesto "blasé", de homem a fazer história, desdobrei o meu mapa que estava dobrado em quatro como um boletim de voto. "Alea jacta est."

Orientei o meu mapa pelo norte com a ajuda de uma pequena bússola de escuteiros, que tomei emprestada a um filho meu e senti-me tão criança perdida. O norte é referência obrigatória em todas as buscas da civilização europeia, um pouco como a Casa de um Deus em que se acredita.

Segundo as instruções do mapa direitinhos como se fossem as de a bula de um medicamento essencial à minha saúde, pedalei 50 vezes para oeste por um atalho estreito, na minha bicicleta "Montanha", era um carreiro estreito e tornava-se divertido evitar os pequenos obstáculos que iam surgindo, como pedras afiadas que podiam furar as câmaras de ar dos pneus ou poças de água que me podiam encharcar e fazer cair e se caísse estava tudo perdido, pois podia esquecer a contagem e teria de voltar à estaca zero, o local de partida, como um azarado naqueles jogos da Glória.

Tudo indicava que estava na rota certa, pelo menos existia ali uma casa abandonada para guardar a bicicleta, embora a falta de telhado lhe desse uma aparência vazia e descuidada, como um embaixador sem cartola. Um telhado e aquela casa podiam figurar em qualquer mapa, que não o de um tesouro.

As paredes de adobo lembravam métodos antigos de construção e foi com uma certa apreensão que lhe confiei a bicicleta. Se tivesse telhado teria sido mais fácil, se ao menos não chovesse. Ia dali para a frente procurar andar sem que os meus passos imitassem os passos tribais índios da dança da chuva e, o caminho que seguia a direito a isso parecia prevenir. Fiquei surpreendido por encontrar um caminho estreito empedrado, fazia lembrar os caminhos dos romanos e criava um ambiente propício ao mistério. As minhas botas de borracha de cano alto, mais próprias para os terrenos alagadiços, aqueciam-me os pés e faziam-me andar sobre brasas como os Santos, o Diabo é que eu queria cada vez mais chegar ao fim daquele fio de Ariadna. O meu mapa indicava 200 passos, a um passo médio de 90 cm, fazia uma distância razoável e o meu corpo ressentia-se da vida seden-

tária, começava a pensar onde iria buscar forças para o caminho de regresso. Em todos os mapas há uma árvore e aquela não era excepção, mais uma indicação de que não me tinha enganado, nem no caminho, nem na direcção. Não tinha frutos e a copa era um emaranhado de folhas amareladas. Ali a bússola deixava de ser necessária, o tronco da árvore do lado Norte, não iluminado pela luz do sol permanecia sombrio e abrigava o crescimento de um ou outro cogumelo, o lado Sul que o sol privilegiava era casca castanha lisinha onde seria difícil um camaleão se disfarçar.

Depois de descansar um pouco na posição de Isaac Newton junto à árvore, voltei a consultar o mapa. Mais um itinerário e eu chegaria ao fim do percurso. Havia ali dois caminhos. Tanto podiam levar a sítios diferentes como ao mesmo sítio como mais tarde vim a saber. Ali o mapa não me dava grandes indicações, a ciência cartográfica não me podia ajudar muito, pelo que resolvi apelar para o caracoreísmo, isto é, cara ou coroa, joguei uma moeda ao alto, tão alto que por breves instantes o brilho do sol me fez perder de vista e quem sabe lá em cima alguém lhe deu um toque decisivo, apanhei-a com ambas as minhas mãos, virei-a sobre a costa da minha mão esquerda e a sorte ditou coroa. Esse caminho seguia a direito pelo meio dos pinhais, enquanto do outro caminho apenas se vislumbrava uma curva, considerei-me afortunado, até porque o tempo dos saltadores dos bosques há muito tinha deixado de existir, as emboscadas modernas realizavam-se nas vielas das cidades. Segui pacatamente por ali fora, como um camponês tranqüilo que regressa da sua jornada de trabalho, 150 pessoas para a solução e comecel a caminhar em contagem decrescente para o "grand-final", trauteando uma velha canção popular, ia subliminamente descontando 100, 99, 98,....

A minha imaginação fértil começou a trabalhar furiosa pela falta de pistas sobre o que iria encontrar.

Encontraria um local assinalado por um x, teria de voltar a casa para buscar uma pá para escavar algum baf ferrugento que lá estivesse enterrado, ou encontraria um novo mapa que me arrastasse a novas aventuras e esse processo se repetiria indefinidamente, sendo o verdadeiro tesouro as experiências acumuladas pelas aventuras vivenciadas. Encontraria um saco de notas ou de moedas, fruto de algum roubo ou assalto a algum banco, algum lingote de ouro contrabandeado?!

Estava eu, ainda, a imaginar tesouros, quando a contagem decrescente chegou a 0,0, é um número redondo tanto pode andar para a frente como para trás.

De repente dei comigo num bonito prado florido com alguns carvalhos solitários e uma ribeira que de certeza era habitada por rãs coaxantes que se moviam por entre nenúfares e agriões de água doce, no fundo pequenas pedras coloridas criavam uma luminosidade própria como um quadro de Vermeer Van Delft. Foi então que avistei algo que transformou todo num quadro de Paul Cézanne. Quando o quadro se tornou completo aos meus olhos, com moldura e tudo, não queria acreditar no que via. No entanto estava ali. Era a espantalhona da filha da dona do café, com um grande decote e um cesto para piqueniques, reclinada numa toalha estendida na relva.

Como é que eu não tinha pensado nisso.

Olá senhor Doutor — disse-me ela gozosa.

Só tive tempo de exclamar:

— Que tesouro, que rico tesouro... e logo os seus lábios se colaram aos meus atrevidamente. O desfecho imaginem vocês, se conseguirem.

A POESIA DE JOSÉ LEON MACHADO

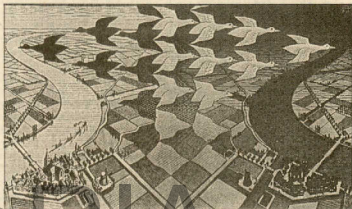
*Dia e noite o anseio desespero a tua ausência
A noite me invade nas trevas perduro
em dor o desejo de rever o corpo a que me entrego
em sonhos e pedaços de lembrança.*

*Teu rosto o sol dos olhos tristes
fonte plena onde bebo quando a sede
me converte em haste seca.*

*Quando a tarde descer sobre os montos
e as sombras petrificarem em frio
as mãos que te esperam coradas,
o regresso será adiado e eu,
entontecida de amor, roubarei aos olhos
a luz que o dia guardara.*

*Navio sem nauta à raiz ancorada
Talvez Argos dormente
não desperte
e tu perto encontres trancada
a porta do meu sonho.*

in Umbrais



Quadro de Maurits Cornelius

CADERNO INTERIOR

LATITUDE

SUPLEMENTO CULTURAL
Coordenação: João de Mancelos

Nº 10 — MAIO / 97

SEPARATA DE **AVEIRO** Nº289

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

LATITUDE

FICHA TÉCNICA

COORDENADOR:
João de Mancelos

COLABORADORES:
Adriana Paula Martins, Alexandre Babo, Américo dos Santos, Ana Madalena Rui-vinho Melo, Ana Paula Cabrita, António Breda Carvalho, Bartolomeu Conde, Filipe Miguel, Gonçalves Venâncio, Graça Gonçalves, Henrique Almeida, Jeremias Bandarra, João Gamboa, João de Mancelos, Joaquim Jorge Carvalho, Jorge Listopad, José Augusto Seabra, José Leon Machado, Maria José Coelho, Maria Manuel Rocha, Maria Virgínia Monteiro, Oliveira Guerra, Pedro Miguel Tavares, Rosa Lídia Coimbra, Sara Manuela Augusto, Mize Carvalho, Salvato Trigo, Susana Ruivo, Virgílio Nogueira, Vítor Fernandes.
COLABORADOR NOS ESTADOS UNIDOS:
Michael Franco

SEPARATA DE **AVEIRO**

PROPRIEDADE
Riapress - Publicações
Periódicas, C.R.L.
Av. 25 de Abril, 33 - r/c D.º
3810 AVEIRO
Tel.: (034) 26014 (2 linhas)
Fax.: (034) 382942
Reg. D.G.C.S. nº 215767
Dep. Legal nº 49340/91

COMPOSIÇÃO
E PAGINAÇÃO
Elisa Maria Oliveira

IMPRESSÃO
CENTRO DE IMPRESSÃO
cc CORAZE

Tel.: (056) 685506
Oliveira de Azeméis